

# **O 25 DE ABRIL**

**Poema épico de**

**ELVIRO ROCHA GOMES**

# O 25 DE ABRIL

*Pisa-se em terra rebentam ideias,  
pisa-se em línguas se capandis a folla,  
creçam ninfas ao largo, sem peias,  
a estender vigorosa matiz!*

*Vai, meu canto, sobre os urso!  
Abra-se o peito animoso!  
Arjem-se as penas e as penas  
com o vento*

**Poema épico de**

**ELVIRO ROCHA GOMES**

*Cuida a grosseira cupa  
que tudo fazia em trevas,  
o futuro se destaca  
sobre as luras melancólicas*

**Lido na sessão de Canto Livre organizada pelo Círculo Cultural do Algarve no S. Luís Parque em Faro, em 15/7/74**

*Pois se em verso rebentam ideias,  
pois se em hinos se expande o feliz,  
cresçam almas ao largo, sem peias,  
a estender vigoroso matiz!*

*Vai, meu canto, sobre os ares!  
Abra-se o peito animoso!  
Arfem as terras e os mares  
com nosso impulso ardoroso!*

*Caída a grosseira capa  
que tudo fazia em trevas,  
o futuro se destapa  
sobre as luras medievas!*

*Honra à memória dos precursores  
tombados antes destes alvares!  
Homenagens a todo o pedagogo  
que dos tiranos nunca fez o jogo!  
Respeito aos destemidos operários  
que nunca bajularam os falsários!  
Preito aos autores progressistas  
que nunca pactuaram com fascistas!*

*Bem me lembro, na parte que me toca,  
como em mente larguei meu habitat de foca.  
Mas esbarrei, sendo um poeta indómito,  
na postiga indiferença,  
e bem cedo deixei de estar atónito  
porque o fascismo preza quem não pensa.*

*Canto livre e agora bem aceso,  
peito a arder, incandescente ...*

*Canto a medo, canto preso,  
que embargava a voz da gente ...*

*Meus escritos satíricos e sérios,  
meus romances do tempo da censura...  
Meus ensaios envoltos em mistérios  
a ver se assim escapavam nessa altura...  
Meus poemas e artigos censurados  
e outros antes disso já rasgados...*

*Eram tudo receios e cautelas  
e torturas nos cérebros e celas!  
Eram tudo sofismas de ideal  
p'ra se não ir parar ao Tarrafal!  
Tudo parado,  
tudo aparado,  
tudo calado,  
tudo ralado.  
Era tudo gemebundo  
e um cheiro nauseabundo  
de lixos  
a criar bichos.*

*Uma área lodosa onde alguns sapos  
se empertigavam a mostrar os papos.*

*Mas eis as Forças Armadas  
se aliam às fraquezas desarmadas.*

*Agora a Pide  
já não agride.  
Agora há chefes,  
não magarefes.*

*E alguém interpela  
uma espingarda bela:*

*— Olá tu, arma florida,  
onde vais assim garrida?*

*— Vou ao povo dar grandeza,  
juntar-lhe à vida beleza.*

*Eu sou a arma que canta,  
o povo desabrochado,  
o povo que se levanta,  
o povo ressuscitado.*

*Flor nas lapelas, rescende o espaço,  
unida a pátria num grande abraço.*

*Eu sou a luz radiosa  
que acabou com miasmas  
e fantasmas.*

*Sou a manhã que vos beija  
e bemfazeja.*

*Eu sou a flor vermelha, a flor viçosa  
de cor tão viva, fresco perfume.  
a liberdade a entrar em vossas portas,  
as cinzas mortas tornadas lume!*

*E tu, meu coração, revive, pulsa,  
que a tirania já foi expulsa,  
e a alma imensa dum povo inteiro  
fulge num amplo, forte luzeiro.*

*Fulge e que fujam os hesitantes,  
os que têm medo da novidade!  
Novos caminhos se abrem brilhantes  
mostrando o início de nova idade!*

*E eis, batendo em cheio, um sol que vejo e sinto  
todo aberto a brilhar, sobre um passado extinto:  
Da arma sai uma flor  
corada de tanto rir,  
a arma é ramo ao dispor  
de quem a quer ver florir.*

*Ombro com ombro, rente ao futuro,  
decisão forte, espírito puro,  
erros passados abominemos,  
pátria mais bela construiremos.*

*Pátria de todos, em harmonia,  
jardim de viva policromia,  
tudo em bulício, tudo em afã,  
já hoje em faina para amanhã.*

*Para amanhã ser impossível  
chegar àquela degradação  
em que o fascismo duro e horrível  
tornava um homem pior que um cão.*

*Sim, que só um canídeo ou um jumento  
tinham livre expressão de pensamento.*

*Nunca mais queremos a estupidez,  
a manha,  
a sanha,  
a hediondez,  
a comandar um povo escravo.*

*Mas p'rá vitória definitiva  
nenhuma força pode ser esquiva  
e ninguém deixe de ser um bravo.*

Que um povo inteiro construa altivo,  
um país rico, pujante, vivo,  
e os dois não estraguem lá do Brasil  
o nosso querido dia de Abril,  
pois o que queremos não querem eles,  
o que nós queremos é liberdade,  
eles só querem mentira reles,  
nós preferimos a sã verdade.

Livres e honrados queremos ser  
com vida digna de se viver.  
Não a tal vida que eles impunham  
sob o arbítrio de que dispunham.

Alta noite, como as corujas,  
«Está preso! Saia do leito!».  
Às suas intenções sujas  
qualquer estava sujeito.

Quem nunca curvasse a espinha,  
quem não dobrasse a cerviz,  
muito pouca sorte tinha  
ou morria o infeliz.

*Nunca mais, nunca mais fascismo a nós,  
P'ra sempre liberdade à nossa voz.*

*Num mundo sábio, sem marginais,  
onde os que mandam não causem ais.*

*De braço dado com a franqueza  
vivendo sempre com singeleza.*

*Num mundo cheio de sã virtude  
onde há direito sempre à saúde.*

*onde há meninos e inocência  
e armas pujantes em florescência.*

*Armas de paz, armas do bem,  
do são futuro que já lá vem.*

*Pois venha ele! Nós, em Portugal,  
estamos a abrir-lhe um Arco Triunfal!*

Composto e impresso nas oficinas da  
Empresa Litográfica do Sul, S. A. R. L.  
Vila Real de Santo António — 9/8/74  
———— 1 000 exemplares ————